

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Presentes de uma vida escrita: a respeito de um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20260002>

Submetido em: 2026-10-15

Postado em: 2026-10-15 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20260002

Dossiê

**Presentes de uma vida escrita:
a respeito de um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago**

***Gifts from a written life:
on a biographical essay about Silviano Santiago***

Cristiane Brasileiro Mazocoli Silva

<https://orcid.org/0000-0003-1900-8750>

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

cristianebrasileiro.di@gmail.com

Submissão: 17/08/2026

Aceite: 27/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de IA:

Não foi usada Inteligência Artificial.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

RESUMO

Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago, de João Pombo Barile, é uma obra singular que combina a biografia de Silviano Santiago com a reflexão sobre o ato de escrever sua vida. Diferentemente de biografias convencionais, Barile insere-se na narrativa, tornando-se um personagem e transformando a pesquisa em parte da própria história. O livro destaca a relação entre vida e obra, propondo que a literatura não se reduz a meros eventos biográficos, mas que experiências e ficção se interconectam. A estrutura fragmentária do texto reflete a complexidade da vida do biografado, enquanto a amizade entre Barile e Santiago adiciona uma camada de novas vantagens e problemas. O título evoca a ideia de que o acaso é um elemento central na construção da narrativa e na vida intelectual, questionando as condições contemporâneas que permitem ou restringem essa construção. Ao final, a obra nos provoca a refletir sobre as condições necessárias para que novas gerações possam desenvolver suas próprias trajetórias intelectuais.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio biográfico; Silviano Santiago; *Presente do acaso*; João Pombo Barile.

ABSTRACT

Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago by João Pombo Barile is a unique work that blends the biography of Silviano Santiago with a reflection on the act of writing his life. Unlike conventional biographies, Barile inserts himself into the narrative, becoming a character and transforming the research into part of the story itself. The book highlights the relationship between life and work, proposing that literature is not merely a reflection of biographical events but that experiences and fiction are interconnected. The fragmentary structure of the text reflects the complexity of the biographical subject's life, while the friendship between Barile and Santiago adds a layer of advantages and problems. The title evokes the idea that chance is a central element in the construction of the narrative and intellectual life, questioning the contemporary conditions that enable or restrict such constructions. Ultimately, the work prompts reflection on the necessary conditions for new generations to develop their own intellectual journeys.

KEYWORDS: biographical essay; Silviano Santiago; *Presente do acaso*, João Carlos Barile.

Sem a ilusão da ausência

Há livros que pretendem nos oferecer uma vida. Há outros que nos prometem exhibir uma maneira de olhar para uma vida. Já *Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago*, de João Pombo Barile, pertence a uma categoria ainda mais rara: é um livro que oferece ao leitor, simultaneamente, a apresentação de uma vida e também a experiência de acompanhar alguém tentando descobrir como essa vida pode ser escrita. Essa certamente é uma das razões mais fortes para que Barile tenha escolhido chamar seu livro de “ensaio biográfico”. Não estamos diante de uma biografia convencional, na qual o autor desaparece atrás dos acontecimentos para produzir a impressão de uma narrativa objetiva e acabada. Tampouco diante de uma autobiografia, ainda que a voz do biografado se faça tão frequentemente presente. O que se constrói ali é uma espécie de terceiro espaço, no qual vida, memória, arquivo, literatura, amizade e escrita se encontram – e no qual o próprio biógrafo se torna personagem da história que pretende contar.

A escolha é especialmente significativa porque o objeto dessa biografia é Silviano Santiago, escritor cuja produção literária e crítica se notabiliza justamente pela desestabilização das fronteiras entre gêneros, pela aproximação entre experiência e ficção, pela forte presença da autobiografia e pela reflexão contínua sobre o próprio ato de escrever. Estudos recentes sobre sua obra continuam destacando essa zona de indeterminação entre vida, ficção e autobiografia. Silva (2023), por exemplo, observa como a escrita de Silviano coloca em questão os próprios limites entre experiência vivida, verdade, mentira e representação autobiográfica. Não é, portanto, indiferente que sua vida seja narrada por meio de uma forma igualmente híbrida.

A primeira cena do livro anuncia tudo isso: Barile chega ao apartamento de Silviano imaginando que fará uma entrevista e tem perguntas preparadas, pensa nos narradores da obra do escritor, na mistura de gêneros, naquilo que poderia parecer uma boa entrada jornalística. Silviano, entretanto, não responde. Ainda mais: ele pergunta. Quer saber que livro Barile pretende escrever, que narrador imaginou, como pretende organizar a narrativa. “Só se começa um livro depois que a gente acha o narrador”, insiste. O que poderia ser apenas pequeno contratempo contornável ou uma dificuldade inicial da entrevista torna-se, retrospectivamente, o verdadeiro começo do livro. Silviano percebe antes de Barile que não há como contar a sua vida sem discutir a posição de quem a conta. “Você não pode escrever esse livro de fora”, afirma. O biógrafo havia imaginado que sua melhor estratégia seria diminuir a própria presença. O biografado faz questão de apontar

que essa ausência seria uma ilusão, e demanda que o biógrafo reconheça que *toda biografia é também uma narrativa sobre o olhar que a tece*.

O biógrafo como personagem

A entrada de Barile na narrativa não constitui mero recurso de estilo: ela modifica a própria epistemologia da biografia e se constitui como um primeiro presente para os leitores. O biógrafo, afinal, a partir disso deixa de ser visto como uma consciência exterior que organiza documentos e testemunhos a partir de uma posição de neutralidade. Bem diferentemente, ele aparece com suas dúvidas, expectativas, expedientes, frustrações, lembranças, viagens, erros e descobertas. Com isso, a história da pesquisa torna-se parte da história narrada. E essa situação é especialmente interessante porque o livro parte de uma tentativa frustrada de apagamento. Barile imaginava que deveria desaparecer para que Silviano aparecesse. O livro que vai sendo escrito, no entanto, demonstra justamente o contrário: *é a presença assumida do biógrafo que torna possível a emergência da figura do biografado*.

A relação entre os dois deixa, então, de ser apenas um meio para chegar ao conteúdo biográfico e transforma-se no próprio procedimento narrativo. Silviano testa Barile, questiona suas intenções, se irrita, explode, recua, interrompe conversas, escolhe certos assuntos, recusa outros. Barile, por sua vez, observa o comportamento do escritor, interpreta seus silêncios, registra suas reações e, às vezes, se desconcerta e admite não saber exatamente como compreendê-las.

Essa dimensão relacional aproxima o livro de uma concepção contemporânea da crítica biográfica. Em vez de procurar na biografia uma explicação causal para a obra, a crítica biográfica tem procurado explorar as relações, os trânsitos e as zonas de contato entre vida, escrita, arquivo e leitura. Eneida Maria de Souza, por exemplo, uma das melhores amigas de Silviano, é uma das referências fundamentais desse deslocamento no âmbito brasileiro. Em *Janelas indiscretas*, a crítica biográfica é pensada não como recuperação positivista da vida do escritor, mas como operação interpretativa que põe em relação diferentes materiais e discursos (Souza, 2011).

Presente do acaso realiza, na prática narrativa, algo semelhante. Afinal, o livro não pretende simplesmente descobrir “o verdadeiro Silviano” escondido atrás de seus

livros, e nesse sentido ele recusa essa função mal disfarçada de olheiro voyeurístico da vida alheia. Bem diferentemente disso, a proposta que ali se inscreve é a de mostrar como diferentes Silvianos se constituem a partir de variadas relações, memórias, textos e momentos.

A pergunta “*Quem escreve quem?*” torna-se, assim, inevitável. Barile é oficialmente o autor da biografia, mas é certo que Silviano também participa ativamente da produção da imagem de si que a biografia poderá oferecer. E ainda mais que isso: Silviano conhece os instrumentos narrativos com que está sendo representado, maneja bem esses recursos. Ele é, afinal, justamente um escritor que fez da mudança de foco narrativo e da mistura de gêneros marcas maiores de sua obra. Estamos, portanto, diante de uma espécie de paradoxo produtivo: *o objeto dessa biografia é também um especialista na fabricação de personagens, narradores e versões de si.*

O “ensaio biográfico” que Barile nos oferece parece nascer justamente da necessidade de reconhecer essa situação.

O presente do arquivo

O segundo presente oferecido pelo livro é um *arquivo*. Porque Barile não se limita a perguntar ao seu biografado o que aconteceu. Seu procedimento mais recorrente, de fato, parece ser o de colocar diante de Silviano um objeto que possa provocar a memória: uma carta, uma fotografia, um manuscrito, um livro, uma anotação.

A memória, então, deixa de aparecer como um mero depósito organizado de fatos que o entrevistado acessa e consulta. Ela se manifesta é por associações. E, de preferência, a partir de provocações inesperadas: a exibição de uma carta leva a uma pessoa; a pessoa conduz a um episódio; o episódio conduz a uma obra; a obra conduz a outra lembrança. O próprio Silviano, aliás, reconhece o procedimento do biógrafo como uma forma de “puxar os fios” de sua memória a partir de cartas, fotos e textos antigos. E essa é mesmo uma imagem adequada para descrever a estrutura de *Presente do acaso*: a biografia parece ter sido construída pelo ato de puxar fios que não sabemos previamente aonde irão conduzir. O arquivo, nesse processo, deixa de ser apenas um conjunto de provas. Passa a funcionar como *um dispositivo de memória*.

Um dos exemplos mais expressivos ocorre quando Barile encontra, nas caixas de documentos de Silviano, cartas de Pierre Moreau e bilhetes de Catherine Gide. Ele então leva os papéis ao apartamento do escritor e os coloca diante dele. E aí os documentos, que haviam permanecido silenciosos durante décadas, voltam a participar da conversa. O efeito é quase literário: os papéis parecem escutar a conversa. O passado já não parece estar simplesmente guardado no arquivo à espera de ser descoberto. Ele pode voltar a produzir sentido e fricções quando encontra uma leitura e um interlocutor.

É justamente nesse ponto que a biografia se aproxima do ensaio. Barile não pretende reconstruir os acontecimentos segundo uma ordem cronológica bem ordenada, ele acompanha os movimentos da sua investigação – e dentro dela aceita que o acaso, a associação e a descoberta de vez em quando o conduzam a reorganizar a narrativa.

Vida e obra: contra a ilusão da transparência

O terceiro presente que o livro de Barile nos oferece é o da própria *literatura*. Porque Barile não transforma a biografia numa chave que decifraria definitivamente os romances de Silviano, como certos modelos totalizantes e indisfarçavelmente voyerísticos levariam a crer. Seu procedimento é bem mais interessante: mostra como determinadas experiências atravessam a literatura sem jamais se reduzirem a ela.

O caso de *Stella Manhattan* é exemplar. E é certo que a amizade com Agostinho, a experiência nova-iorquina, a convivência com Hélio Oiticica, a convivência amorosa com um homem dominicano, a vida LGBTQIA+ dos anos 1960 e a efervescência política e cultural daquele período compõem um universo biográfico que ajuda a compreender o romance. Mas também fica claro que a obra não é simplesmente a reprodução desses acontecimentos, e que Silviano insiste na dimensão ficcional e na elaboração estética desse material. Essa distinção é fundamental.

Como sabemos, uma biografia literária pode cair facilmente na armadilha de transformar a literatura em documento: apontar “quem foi” o modelo de determinado personagem, identificar o acontecimento que estaria por trás de determinado episódio, localizar a pessoa que teria servido de inspiração. *Presente do acaso, no entanto*, resiste a esse reducionismo, e mostra algo diferente disso: a vida alimenta a literatura, mas a literatura também realimenta e reorganiza a vida. Uma carta de Agostinho pode iluminar

Stella Manhattan; depois de lermos o romance, entretanto, a própria carta passa a ser percebida de outra maneira. E é esse movimento de mão dupla que impede que a obra seja reduzida à biografia. Com isso, e precisamente porque existe transformação estética, é que a relação entre vida e literatura se torna ainda mais interessante.

Nesse sentido, importante notar: o livro de Barile participa de uma tradição crítica muito próxima daquilo que Silviano Santiago fez ao longo de sua própria trajetória, desmontando a oposição rígida entre experiência e representação.

O presente de uma forma

Há, contudo, outro aspecto do livro que precisa ser ressaltado agora ainda mais nitidamente: *sua forma é inseparável de seu objeto*.

A estrutura fragmentária de *Presente do acaso* permite que a narrativa avance por aproximações, associações e episódios, sem a obrigação de produzir uma linha biográfica contínua e totalizante. Os numerosos capítulos curtos funcionam como pequenas entradas na vida e na obra, e o conjunto se constrói menos pela continuidade cronológica do que pela acumulação e pela ressonância. E nada disso se trata de fragmentação gratuita, pelo contrário: a forma parece responder àquilo que o próprio Barile descobre através de Silviano, e que pode ser resumido na percepção de que *uma vida nunca se apresenta como unidade transparente*.

Há nesse ensaio biográfico, portanto, diferentes Silvianos, diferentes tempos, diferentes vozes e diferentes formas de relação com o passado. E por isso a forma fragmentária torna-se também a expressão de uma certa ética da representação: ela renuncia à pretensão de possuir a totalidade. O “ensaio biográfico” é, nesse sentido, a forma mais adequada para contar a vida de um escritor cuja obra também desestabiliza fronteiras genéricas.

Essa questão, como se deve notar, permite estabelecer uma aproximação produtiva com a própria crítica de Silviano. Afinal, como devemos reconhecer mais uma vez, seu trabalho intelectual foi marcado pela recusa de fronteiras rígidas entre crítica e criação, literatura e teoria, experiência e ficção, e estudos dedicados à sua trajetória crítica ressaltam justamente esse papel de renovação da crítica literária brasileira. Barile, por sua vez, parece responder a essa tradição com a própria forma de seu livro, ou seja: *para*

escrever a vida de um escritor que desestabilizou os gêneros, ele também assume que precisa desestabilizar o gênero biográfico.

O presente da amizade

Há ainda um presente mais íntimo entre os que ganhamos: o acesso a uma determinada *relação*.

Porque fica evidente que *Presente do acaso* não poderia existir da mesma maneira sem a relação prolongada entre Barile e Silviano. O livro não é produzido apenas pela pesquisa; é produzido pela confiança, pela convivência de décadas e, também, pelo eventual desconforto que uma amizade necessariamente comporta quando os amigos de repente se veem nessa situação em que um deles deve ser capaz de transformar o outro em objeto da sua escrita.

Isso gera uma situação fascinante: Silviano não é apenas aquele que é observado, ele também observa o observador. Pergunta a Barile o que pretende fazer. Corrige suas expectativas. Interfere na forma. Recusa determinados assuntos. Oferece outros. Sorri enigmaticamente, como uma Mona Lisa. Interrompe a conversa e suspende seu fluxo quando outros compromissos parecem gritar mais alto. Barile, por sua vez, precisa descobrir como permanecer autor sem fingir que o outro é apenas matéria-prima.

O resultado é uma espécie de *dupla biografia*: Silviano é biografado, mas a *relação* entre os dois também é narrada. E é justamente nessa zona intermediária que a palavra “ensaio” ganha mais sentido.

É também aí que surge uma questão crítica que não deveria ser apagada: a relação entre *biografia e admiração*.

Sabemos que Barile escreve sobre alguém que conhece há décadas e por quem manifesta inequívoca admiração. Em determinados momentos, inclusive, essa admiração é explicitamente declarada. Quando Silviano pergunta se fez a coisa certa ao retornar ao Brasil, por exemplo, Barile responde afirmativamente e afirma considerar excepcional o conjunto de sua obra. Em entrevistas aos jornais quando do lançamento do livro, então, essa admiração é ainda mais exposta e declarada.

Não me parece produtivo, no entanto, transformar essa admiração numa acusação simplista de hagiografia. Primeiro, porque ela é assumida, e nesse sentido pode ser

plenamente considerada nos cálculos que os leitores da obra tendem a fazer mais ou menos conscientemente. Segundo, porque essa admiração de fato não impediu que o próprio Silviano aparecesse no livro com suas contradições: reservado, controlador, por vezes difícil, capaz de interromper conversas, recusar perguntas e impor condições à própria exposição.

O que existe, portanto, é menos uma idealização absoluta do que uma *tensão entre intimidade, admiração e crítica*. E essa tensão é bem-vinda porque torna mais visível uma questão que a biografia tradicional frequentemente procura esconder: todo biógrafo possui uma posição afetiva diante de seu objeto. Mesmo quando trata dos mortos. E Barile, de todo modo, nunca pretendeu ser neutro. Entre seus méritos, aliás, está esse de transformar essa não-neutralidade em mais um elemento da narrativa.

Isso não quer dizer, no entanto, que a posição do autor está livre de certos riscos e perigos: uma demasiada adesão à perspectiva do próprio Silviano, por exemplo, tende a naturalizar elementos na vida narrada que para os leitores do ensaio biográfico pode, vez por outra, parecer conter os mais insondáveis enigmas: a facilidade com que as viagens se sucedem desde cedo, por exemplo, a imediata visibilidade dos trabalhos realizados na imprensa, a aparente ausência de maiores angústias e impasses gerados por questões financeiras, a sombra quase onipresente que recai sobre os desafios de manutenção dos espaços domésticos e das relações familiares e conjugais são apenas alguns dos exemplos possíveis. Nesses pontos, algum distanciamento a mais do narrador ou uma curiosidade mais investigativa podem ter feito falta.

O presente como acaso

É nesse sentido, de todo modo, que o título do livro de Barile ganha uma densidade particular. “Presente do acaso”, afinal, remete ao poema “Passagem do ano”, de Carlos Drummond de Andrade, que o próprio autor recorda explicitamente ao visitar Silviano. Os versos sobre receber com simplicidade o presente do acaso aparecem associados ao aniversário, à passagem do tempo e à consciência da vida que permanece enquanto outras coisas desaparecem.

Mas o acaso atravessa o livro de maneira ainda mais profunda. É acaso uma conversa que muda de rumo. É acaso uma carta encontrada numa caixa. É acaso uma

lembrança provocada por uma fotografia, assim como uma associação entre um episódio biográfico e uma obra. É acaso o encontro entre um escritor e o jornalista que decide escrever sua vida. Mas sobretudo: *o acaso se transforma em princípio de composição da obra*. Porque Barile pesquisa, procura, pergunta e organiza. Mas também se deixa conduzir pelo inesperado.

Isso significa que o acaso não é o contrário do método. Nesse livro, ele é *parte* do método. E talvez este seja um dos aspectos mais interessantes do livro: *a investigação biográfica não elimina o acaso; pelo contrário, é ela que cria as condições para que o acaso se torne legível*.

É aqui, no entanto, que eu gostaria de deslocar um pouco esta leitura, indagando mais frontalmente: *que presente é esse que o acaso ainda pode ser para nós?*

A pergunta pode parecer, à primeira vista, excessivamente exterior ao livro. Afinal, *Presente do acaso* é sobre Silviano Santiago e sobre a escrita de sua vida. Mas é precisamente porque o livro torna visíveis as condições de produção de uma vida intelectual que ele nos provoca tão incisivamente a pensar as condições contemporâneas de produção da vida intelectual.

A trajetória de Silviano, afinal, pertence a uma geração e a um contexto institucional específicos. Sua vida atravessou por décadas a fio muitas universidades, viagens, encontros, práticas culturais, redes de sociabilidade e formas de trabalho intelectual que agora não parecem mais poder ser simplesmente reproduzidas pelas gerações que chegaram depois. Nem pelas que virão.

Não se trata de estabelecer uma oposição simplista entre um passado idealizado e um presente degradado. Trata-se de perceber *o quanto mudaram as condições materiais do trabalho intelectual*.

No ensino superior privado brasileiro, por exemplo, a figura do professor horista tornou-se emblemática de uma relação de trabalho marcada por flexibilização, intensificação e insegurança. Ferrer e Rossignoli (2016) discutem justamente a expansão do ensino superior e a precarização do trabalho docente, destacando as condições específicas do professor horista, a flexibilização contratual e a intensificação da produtividade. Estudos posteriores continuam identificando a precarização do trabalho docente nas instituições privadas, agora associada também à platformização e à automação do ensino. E esses não são meros detalhes da vida intelectual e acadêmica no

Brasil atual, muito pelo contrário: é essa a linha hegemônica, são essas as condições em que vive a absoluta maioria dos professores que poderiam, mesmo neste momento, estar sonhando com uma trajetória profissional como a de Silvano Santiago.

O professor universitário contemporâneo, no entanto, especialmente nas instituições privadas, com frequência é solicitado a ser ao mesmo tempo docente, produtor de conteúdo, avaliador, orientador, usuário de plataformas, pesquisador e *performer*. Ele sequer costuma ser reconhecido como um funcionário contratado, e vai sendo visto apenas como um “colaborador”. E com isso o tempo de trabalho se estrangula, se retalha, se esfacela.

E isso produz uma questão especialmente importante para a leitura de *Presente do acaso: quem afinal, hoje em dia, pode se permitir o acaso?*

Porque o acaso não demanda só algum tipo de abertura intelectual e espiritual de ordem altíssima. Não, ele também exige *tempo*. Na prática, trata-se de uma conversa que toma outro rumo e que demanda outro nível de disponibilidade. Um documento encontrado numa caixa que exige atenção mais demorada. Uma ideia inesperada que exige espaço para se fixar e amadurecer antes de ser atropelada pela roda dentada dos dias. Uma leitura sem finalidade imediatamente produtiva que pede alguma espécie de liberdade temporal.

Mas grande parte da universidade contemporânea parece organizada para reduzir exatamente esse espaço. Porque nelas o trabalho intelectual é cada vez mais medido, quantificado e acelerado. A pesquisa precisa produzir resultados, a aula precisa caber no contrato, a orientação precisa ser contabilizada, a publicação precisa cumprir metas. A carreira e o currículo, sobretudo, precisam ser permanentemente alimentados por indicadores quase que diariamente avaliados.

Abrir-se para o acaso, nesse ambiente, pode soar como um luxo impensável, uma operação kamikaze.

E talvez seja essa uma das maiores provocações silenciosas de *Presente do acaso*: trata-se de um livro que exhibe o fato de que *uma vida intelectual não se constrói apenas atendendo a demandas diárias por produtividade*. Constrói-se também com aquilo que não estava previsto, que rasura o programa, que altera o rumo previsto.

De uma perspectiva de gênero

A questão se torna ainda mais complexa e mais candente quando levamos em conta a transformação ocorrida na composição do ensino superior: as mulheres têm hoje uma presença infinitamente mais expressiva na docência universitária do que quando Silviano começou a lecionar, há 60 ou 70 anos atrás.

Essa presença, no entanto, não significa de modo algum que tenham desaparecido as desigualdades relacionadas à divisão do trabalho. Estudos recentes sobre gênero, raça e profissão acadêmica no Brasil mostram que as mulheres estão distribuídas de forma desigual entre diferentes tipos de instituições de ensino superior, revelando uma estratificação persistente da carreira acadêmica que tende a mantê-las nos degraus mais baixos das hierarquias. E essa questão, obviamente, não pode ser separada da divisão sexual do trabalho. Hirata e Kergoat (2007), por exemplo, já demonstravam bem que não basta observar a participação das mulheres no trabalho profissional: é preciso articular essa esfera à divisão desigual do trabalho doméstico. O chamado “modelo de conciliação” tende a fazer recair quase que exclusivamente sobre as mulheres a responsabilidade de conciliar trabalho profissional e vida familiar.

Essa formulação é particularmente útil para se pensar o presente da vida intelectual. Porque a professora, pesquisadora ou escritora contemporânea pode ter conquistado o direito formal de ocupar a universidade e de produzir conhecimento, mas isso não significa que tenha conquistado, na mesma proporção, *tempo socialmente disponível para produzir pensamento*. E sabemos bem que há uma diferença enorme entre estar incluída numa profissão e de fato possuir (ou receber) as condições materiais necessárias para desenvolver uma trajetória intelectual.

É justamente essa diferença que o livro de Barile permite tornar visível, ainda que não a tematize diretamente. Ou até por isso.

Ao acompanhar uma trajetória como a de Silviano Santiago, afinal, vemos também aquilo de que uma vida intelectual tradicionalmente é feita: estudos, escritas, encontros, leituras, viagens, amizades, arquivos, conversas, disponibilidade, circulação. Tempo. O livro nos mostra, sem necessariamente formular essa questão de forma explícita, que *uma obra é também uma história de suas condições de produção ou de emergência e também de sua recepção e circulação*.

E essa percepção pode ser particularmente importante para uma geração em que muitas mulheres se dividem entre muitas instituições, disciplinas, pesquisas, aulas,

cuidados com filhos, companheiros, pais idosos, tarefas domésticas e responsabilidades administrativas – muitas vezes, portanto, tendo que tentar realizar sua produção intelectual apenas nas margens do tempo que sobra. Ou tendo que sacrificar nesse altar da alta produtividade muito do que aprenderam a reconhecer como parte fundamental da vida. Nesse sentido, as perguntas sobre o “presente” ganham uma dimensão de gênero: *que tempo, afinal, é considerado legítimo para o pensamento? E quem é que tem direito a esse tempo?*

Talvez, neste ponto, se possa imaginar que o grande risco de ler uma trajetória como a de Silviano Santiago seja transformá-la, ainda hoje, num modelo.

Não me parece que devamos fazer isso. Porque o melhor presente de *Presente do acaso* não está em dizer às novas gerações: “Sejam como Silviano”. Está em oferecer outra coisa: *uma visão palpável de como uma vida intelectual se constrói e de como tende a ser narrada.*

E isso é diferente. Porque deixa mais claro que não precisamos reproduzir as mesmas instituições, as mesmas viagens, as mesmas redes, os mesmos percursos ou as mesmas formas de sociabilidade. Mas podemos reconhecer que leitura, escrita, conversa, amizade, curiosidade, arquivo e acaso continuam sendo elementos constitutivos de uma vida intelectual fecunda.

A questão passa a ser, então, política e institucional: *como criar condições para que esses elementos sejam de fato acessíveis para quem busca essa carreira?* Na prática: como preservar o tempo da leitura para professores exaustos, sem recursos suficientes para adquirirem livros e quase sem acesso regular a bibliotecas equipadas? Como reconhecer o trabalho invisível de preparação de uma quantidade cada vez maior de aulas? Como construir carreiras em que a pesquisa não esteja condenada a sobreviver como uma atividade realizada clandestinamente por tanta gente só depois de todos os expedientes ou uma atividade de fato para sempre restrita aos *happy few*? Como garantir às mulheres condições para que a maternidade, o cuidado e o trabalho doméstico não consumam exatamente o tempo que se espera que deva ser dedicado à construção intelectual? Como produzir universidades nas quais o professor não seja apenas uma unidade de trabalho mensurável?

É verdade que as respostas estão fora do livro de Barile. Mas as perguntas nascem dele.

O presente que fica

No final das contas, o leitor recebe muitos presentes de *Presente do acaso*. Uma vida. Uma obra vista de outro ângulo. Um arquivo reanimado. Histórias de amizade e encontro. E ainda as marcas da intimidade possível entre um escritor e seu biógrafo. Sobretudo, um experimento de escrita que transforma o desafio de narrar em parte da própria narrativa.

Mas o leitor recebe também uma pergunta, talvez a mais incômoda: *que condições precisamos preservar para que ainda seja possível construir uma vida intelectual?*

Essa pergunta desloca o livro de seu objeto imediato – a trajetória de Silviano Santiago – para um horizonte mais amplo. O que está em jogo não é apenas a memória de um homem com certeza extraordinário, nem mesmo a de certa geração de grandes intelectuais, mas a possibilidade mesma de que novas gerações possam produzir suas próprias formas de pensamento, escrita e criação.

O “presente” do título pode ser entendido, assim, em vários sentidos. É presente aquilo que se oferece; é presente aquilo que pertence ao agora; e é presente, também, o tempo que se dá a alguém. E o livro de Barile nos oferece todos esses três sentidos. Porque ele nos dá uma vida como presente, ele a devolve ao presente, e ainda nos lembra que, para que outras vidas intelectuais desse porte possam existir, seria necessário algo entre dar novamente tempo ao pensamento e, por outro lado, talvez aceitar que esse tempo terá que ser dividido entre outras dimensões e demandas da vida.

Para as novas gerações, portanto, o legado de uma trajetória como a de Silviano não precisa consistir apenas no esforço de repetição de um percurso que as condições atuais talvez tornem impossível. Seu verdadeiro valor pode estar em nos lembrar de algo menos óbvio: *uma obra não nasce apenas do talento individual, por maior que seja, mas de uma certa ecologia de tempo, relações, instituições, leituras, afetos e possibilidades*. E essa ecologia não é natural, ela precisa ser construída - e sempre precisou. Não é surpresa, todos sabemos que sempre foi assim que se fez. Ou que, por outro lado, também não se fez, e, portanto, deixou sistematicamente de poder emergir.

Talvez seja essa a forma mais fecunda de ler *Presente do acaso* hoje: não como a celebração de uma época intelectual que passou, nem como o retrato de uma trajetória

excepcional que dificilmente poderia ser repetida, mas como uma série de perguntas lançadas às gerações que vieram depois. Por exemplo: *que presentes ainda somos capazes de oferecer uns aos outros quando o tempo para ler, conversar, pesquisar e escrever parece cada vez mais escasso?* E, talvez mais radicalmente: *que universidade, que literatura e que vida intelectual queremos construir se já não aceitarmos que para tanta gente a exaustão seja o preço inevitável da produção do pensamento?*

É nesse ponto que a biografia de Silviano Santiago deixa de ser apenas uma narrativa sobre o passado. E o acaso, mais uma vez, muda de direção: o presente que Barile recebeu de Silviano – uma vida, uma memória, uma biblioteca, tantas conversas – transforma-se, para o leitor, em outra coisa. Transforma-se na *responsabilidade de criar as condições para que outras vidas também possam ter tempo de se tornar as novas obras de que tanto necessitamos*.

Silviano, nesse sentido, não é enfim o mestre venerando que chega ao final da jornada para nos entregar o sentido absoluto do passado ou o necessário rumo do futuro. Ele é, graças a toda uma vida dedicada inclusive a nos ensinar a ver e apreciar tal coisa, muito mais como um pássaro flagrado em pleno voo: lição de esforço, espírito de aventura, manejo dos ventos e chance de êxtase.

REFERÊNCIAS

ATÃES, Daniela; CARNEIRO, Ana Maria. Gênero, raça e profissão acadêmica: desigualdades em instituições de ensino superior brasileiras. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 74, p. e257412, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8681706>. Acesso em: 17 ago. 2026.

BARILE, João Pombo. *Presente do acaso: um ensaio biográfico sobre Silviano Santiago*. [Dados editoriais conforme a edição consultada].

ELIAS, Marisa Aparecida; NAVARRO, Vera Lucia. Profissão docente no ensino superior privado: o difícil equilíbrio de quem vive na corda bamba. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 49-63, 2019. DOI: 10.11606/issn.1981-0490.v22i1p49-63.

FERRER, Walkiria Martinez Heinrich; ROSSIGNOLI, Marisa. Expansão do ensino superior e precarização do trabalho docente: o trabalho do “horista” no ensino privado. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 23, número especial, p. 106-118, 2016. DOI: 10.18764/2178-2229.v.23n.especial/p106-118.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set.-dez. 2007. DOI: 10.1590/S0100-15742007000300005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2024*. Brasília, DF: Inep, 2025. Disponível em: Inep – Censo da Educação Superior 2024. Acesso em: 17 ago. 2026. MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de; NOLASCO, Edgar César. Silviano Santiago: ferocidades intelectuais. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 177-189, 2023.

SILVA, Gabriel Martins da. A mentira e a autobiografia: formas da crítica, formas da ficção. *Magma*, São Paulo, n. 19, p. 76-90, 2023. DOI: 10.11606/issn.2448-1769.mag.2023.214245.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.